



SALVADOR E SUAS CORES [2019]  
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

## A CASA DA DONA FÁTIMA: MODOS DE VIDA NO QUILOMBO DE MAMUNA, ALCÂNTARA.

*ANA PAULA FERREIRA BRANCO*<sup>1</sup>

*MARLUCE WALL*<sup>2</sup>

*MARTINA AHLERT*<sup>3</sup>

**Resumo:** O município de Alcântara, Maranhão é novamente a “bola da vez” após passado mais de 30 anos da implantação do Centro de Lançamento de Alcântara (CLA) pela Aeronáutica Brasileira. Tal processo foi marcado pelas violações de direitos das comunidades quilombolas que ocupam secularmente o território e sentem os impactos da remoção até os dias de hoje. Com a recente assinatura do Acordo de Salvaguardas Tecnológicas (AST), pelos Governos do Brasil e dos Estados Unidos, em março deste ano, Alcântara volta a ficar em alerta e Mamuna, quilombo localizado a 26 quilômetros da base, vive hoje na iminência dos impactos da possível expansão. O presente estudo compõe o trabalho final de graduação da autora, que teve como objetivo geral caracterizar os modos de vida e habitar da comunidade quilombola de Mamuna; aqui apresentamos uma descrição dos modos de vida e maneiras de morar observados na casa da Dona Fátima, quilombola de Mamuna. Para obtenção dos dados, realizamos uma experiência de levantamento sócio espacial inspirada no método etnográfico de pesquisa e realizada em um curto período de tempo. Os modos de vida na casa de Dona Fátima têm forte relação de equilíbrio com a natureza, maneiras próprias de uso e ocupação de cada ambiente, além de serem intrinsecamente vinculados a valores de união e coletividade tradicionalmente experienciados pela comunidade. Pautar a interação entre os sujeitos como principal fonte dos dados aqui produzidos, foi essencial para que obtivéssemos os dados apresentados, que contribuem para os emergentes debates no território quilombola de Alcântara e a ameaça contra a reprodução de modo de vida dos quilombolas.

**Palavras-chave:** Modos de vida, Quilombo, Alcântara.

## INTRODUÇÃO

A comunidade quilombola de Mamuna, que possui 2900 habitantes, vive na iminência de ser atingida pelos possíveis impactos do Acordo de Salvaguardas Tecnológicas (AST), firmado pelos Governos do Brasil e dos Estados Unidos, em março deste ano. O acordo prevê o uso comercial do Centro de Lançamento de Alcântara (CLA) da Força Aérea Brasileira (FAB), permitindo que os Estados Unidos lancem satélites e foguetes da base maranhense.

---

<sup>1</sup> Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Estadual do Maranhão. E-mail: paulabranco.arq@gmail.com

<sup>2</sup> Docente no DAU – Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual do Maranhão. E-mail: [marlucewall@gmail.com](mailto:marlucewall@gmail.com)

<sup>3</sup> Docente no DSOC - Departamento De Sociologia E Antropologia/CCH da Universidade Federal do Maranhão. E-mail.com: [martinaahlert@gmail.com](mailto:martinaahlert@gmail.com)



SALVADOR E SUAS CORES [2019]  
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

Para entrar em vigor, o acordo precisa de aprovação no Congresso Nacional, já tendo sido aprovado na Câmara dos Deputados por maioria de 275 votos a favor e 13 contra. Hoje, após a aprovação, o projeto foi transformado em Projeto de Decreto Legislativo (PDL) 523/19, que irá tramitar pelas comissões permanentes da Câmara, sendo, ao final, votado no Plenário.

A possível expansão da área do CLA deixa as comunidades quilombolas que vivem próximo a base em alerta, pois elas presenciaram na década de 1980, o processo de implantação do CLA, onde o governo do Maranhão desapropriou 32 povoados com 312 famílias quilombolas para 7 agrovilas distantes do mar, em uma ação sem consulta, indenização ou reparo de danos. Esse processo, que tomou proporção internacional, foi marcado por diversas violações de direitos humanos segundo as apurações do Conselho Nacional de Direitos Humanos (2007).

Nesse contexto, Mamuna que se localiza a apenas 26 quilômetros da base, é o povoado mais próximo do CLA, podendo avistar da praia, a plataforma de lançamento de foguetes. De acordo com a Procuradoria da República no Maranhão (MPF – MA), Mamuna possui, desde 2008, junto às mais de 150 comunidades quilombolas de Alcântara, o Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID) assinado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra). Tal processo de titulação visava garantir uma área de 78,1 mil hectares para as comunidades, mas os procedimentos para titularidade de terra nunca passaram da etapa de certificação<sup>4</sup> como Território Étnico.



**Foto 1** - Ortofoto que mostra a proximidade entre Mamuna e o CLA.  
**Fonte:** Acervo da Autora.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]  
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

O direito à propriedade das terras quilombolas só se torna possível a partir do reconhecimento no artigo 216<sup>5</sup> da Constituição Federal de 1988 bem como no artigo 68<sup>6</sup> do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT). Em 2007, institui-se a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT), por meio do Decreto nº 6.040. Este decreto reconhece que povos quilombolas possuem formas próprias de organização social, e de ocupação de territórios, onde ocorre a reprodução de seus modos de viver e morar.

A localização geográfica privilegiada da base de Alcântara é dada por diversos fatores: regime climático e de chuvas bem definido, estabilidade geológica da região, que a ausenta de fenômenos como vulcanismo e tremores de terra e a posição a 2º grau da linha do equador, que possibilita uma economia de 30% do uso de combustíveis no lançamento de foguetes. Os conflitos na área começam na década de 1980 no momento da implantação da base do CLA, com as desapropriações e expulsões sem consultas ou indenizações das 32 comunidades quilombolas que ocupavam a região, e a posterior remoção para as 07 agrovilas construídas pela Aeronáutica.

## **A IMPLANTAÇÃO DA BASE DE ALCÂNTARA**

O processo de expulsão e a realocação para as agrovilas desrespeitou violentamente a manutenção dos modos de vida das comunidades quilombolas segundo a procuradora federal dos Direitos do Cidadão, Deborah Duprat que acompanha desde 1998 os impactos sofridos pelas comunidades quilombolas em razão da instalação do Centro de Lançamento de Alcântara. As agrovilas se localizavam mais de 10 quilômetros afastadas do mar, as terras eram inférteis e insuficientes para a manutenção das atividades econômicas características, as relações familiares e os laços de amizade não foram respeitados na definição dos novos locais, entre as mais diversas violações que são

---

<sup>4</sup> A certificação constitui uma das etapas mais iniciais do processo de titulação das terras, é um registro emitido pela Fundação Cultural Palmares que reconhece as origens da comunidade, mas que não garante a propriedade da terra.

<sup>5</sup> Ver Art. 216. da Constituição Federal Brasileira.(BRASIL, 1998)

<sup>6</sup> Art. 68. Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos.

<sup>7</sup> Ver: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ciencia/fe2507201101.htm>. Acesso em: 15 de julho de 2019



SALVADOR E SUAS CORES [2019]  
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

reconhecidas pela própria Agência Espacial Brasileira (AEB) em nota para a Folha de São Paulo<sup>7</sup>, onde diz que as comunidades tiveram "seus hábitos e costumes afetados". Sérvulo Borges, 57 anos, quilombola de Alcântara, um exímio contador de histórias, peça fundamental na articulação e resistência das comunidades quilombolas de Alcântara e no contato da autora com o quilombo de Mamuna, também relata as estratégias utilizadas pela Aeronáutica durante o processo de implantação da base. Borjão, como é chamado, começou sua vida na militância após ter trabalhado como soldado na Aeronáutica, pois fez parte dos 30 jovens quilombolas que foram convidados pelo CLA para ir a São Paulo participar de um suposto curso de 6 meses. Essa estratégia promovida pela Aeronáutica tinha como real objetivo recrutar quilombolas para auxiliar no processo corpo a corpo de remoções das comunidades.

Borges relata que várias pessoas chegaram em Alcântara e aos poucos foram convencendo alguns rapazes a realizar cursos no exterior, oferecendo como um tipo de investimento da base para a população alcantareense, porém, só depois de aceitar e chegar em São Paulo, eles *perceberam* que haviam virado soldados. Borjão diz que tentou conversar, dizer que havia sido enganado e que queria voltar para casa, porém nunca conseguiu e conta que aos poucos passou a *gostar de servir*, diz que o patriotismo implantado mexeu com a sua cabeça. Com lágrimas nos olhos, relata o processo de deslocamento compulsório dos quilombolas, diz que dentre todos os que trabalhavam na base, apenas os 30 jovens moradores de Alcântara foram obrigados a tirar – por vezes à força – os amigos e a família dos quilombos, acreditando verdadeiramente que aquilo seria bom para as famílias.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]  
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL



**Foto 2:** Sérgio Borges (Borjão)  
**Fonte:** [www.sindct.org.br/jornaldosindct/?q=node/759](http://www.sindct.org.br/jornaldosindct/?q=node/759)

Percebemos durante o trabalho de campo que Mamuna, apesar de não ter sido diretamente atingida, se encontra em uma situação ambígua, por um lado, seus moradores expressam uma dificuldade em fazer planos futuros pois têm medo de serem expulsos a qualquer momento, por outro sentem a necessidade de fazê-los e concluí-los, como forma de resistir a toda pressão exercida pela possibilidade de expansão da base. É nesse contexto que se insere a casa da Dona Fátima, 64 anos, nascida e criada em Mamuna, Alcântara. Hoje, ocupa o cargo de primeira secretária da Associação Beneficente Nova Galiléia dos Moradores do Povoado de Mamuna, existente desde janeiro de 2005, vive com seu esposo, Tenório, ex-pescador e agricultor e Josy, sua nora.





SALVADOR E SUAS CORES [2019]  
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL



**Foto 03** - Os moradores da casa protegida por Jesus.  
(da direita para esquerda: Larissa, Dona Fátima, Seu Tenório, Josy e Ana Paula.)  
**Fonte:** Acervo da Autora, 2019.

## MÉTODOS E PROCEDIMENTOS

O trabalho consistiu em uma articulação da pesquisa sócio-espacial, teorizada por Souza (2017) e aplicada no campo da Arquitetura e Urbanismo pelo grupo MOM (Morar de Outras Maneiras) – UFMG e uma aproximação – que também podemos chamar de inspiração – no método etnográfico de pesquisa, embasada a partir dos escritos de Claudia Fonseca (1998) em “Quando cada caso não é um caso”.

Cabe destacar que esta pesquisa não possuiu todas as características da pesquisa em antropologia, pois os levantamentos antropológicos de cunho etnográfico, apesar de produzirem uma riqueza de dados e de estarem mais próximos da compreensão de como determinado grupo se comporta, demandam um tempo de interação maior do que o tempo que tivemos, além do domínio de pesquisa que a autora em questão, não possui. Entretanto, pautar a interação com os sujeitos como fonte principal dos dados aqui produzidos foi uma inspiração importante à pesquisa.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]  
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

O trabalho de campo contou em média com 4 (quatro) dias em Alcântara, 1 (um) percorrendo duas agrovilas: Peru e Marudá e 8 (oito) em Mamuna, totalizando 13 (treze) dias de pesquisa em campo. Porém os dados aqui apresentados são referentes a vivência dos 08 dias na casa de Dona Fátima, em Mamuna. Utilizamos os seguintes instrumentos metodológicos:

1. Aprofundamento nos referenciais teóricos e metodológicos;
2. Diário de Campo;
3. Desenhos e Croquis;
4. Caminhadas;

## MODOS DE VIDA

Para explorar o conceito de Modos de Vida, Souza (2017) reconstitui algumas discussões que ocorreram ao longo do tempo e toma como base revisões feitas por Lobo (1992) e Nabarro (2014) que, segundo a autora, contribuem respectivamente nas pesquisas sociológicas sobre as classes trabalhadoras e na revisão sobre a trajetória do conceito de Modos de Vida no pensamento social moderno, a partir de três disciplinas: Antropologia, Geografia e Sociologia, a partir disso ela afirma como Modo de Vida:

A maneira como as pessoas vivem, baseada no conjunto de experiências de vida e trajetórias sociais que conformam suas percepções e visões de mundo (imaginários, aspirações, valores), portanto é influenciado por fatores externos e internos ao indivíduo. O modo de vida se manifesta através de práticas cotidianas, sendo expresso em dimensões materiais e imateriais. Estas dimensões se revelam nos modos de habitar das pessoas, na conformação do espaço doméstico e de seus elementos constituintes (mobiliário, objetos decorativos e de recordação, etc.), seja na moradia autoconstruída ou não. (SOUZA, 2017, P. 20)

A fim de caracterizar os modos de vida percebidos na casa de Dona Fátima, apresentamos relatos de campo a seguir que sugerem *experiências de vida*, *visões de mundo* e *práticas cotidianas* dos moradores da casa protegida por Jesus. Essa caracterização não tem como objetivo tomar a casa de Dona Fátima como exemplo, e sugerir que todos em Mamuna mantêm as mesmas práticas, mas através dela, abrimos possibilidades para pontos de divergências, similaridades e conexões que possam existir entre os habitantes.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]  
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

### ***A percepção da coletividade e a gestão comunitária no quilombo***

Seu Tenório é quem nos conta sobre o feitiço das casas de taipa da comunidade após eu elogiar o acabamento da casa de taipa de Dona Fátima e Larissa, companheira de pesquisa, se assustar ao reparar depois do segundo dia, que a casa era realmente de taipa. O quilombola descreve a preparação do reboco e justifica o primor do acabamento ao traço de cimento que acrescenta. Quando pergunto quem no quilombo sabe construir com taipa, ele deixa claro que se trata de um conhecimento de todos, e que é repassado desde a infância, pois para construir a casa de taipa de algum morador na comunidade, todo mundo se junta, o morador tem a responsabilidade de preparar a armação, às vezes com a ajuda de um primo ou irmão, e na hora de preencher com barro, toda a comunidade era envolvida no processo, de crianças a idosos.

### ***O quintal***

Em Mamuna, observamos uma noção de quintal como parte integrante da rotina diária, através por exemplo da fala de vizinhos de Dona Fátima quando respondem sobre sua rotina diária: *“Passo o dia em casa, vou na casa dos vizinhos e cuido do meu quintal, limpo, olho os pés, torto as folhas quando precisa, fico observando...”* ou ainda *“minha nossa gente, eu amo plantar! não tem ninguém em Mamuna que goste mais de plantar no seu quintal do que eu.”*

Observamos na casa de dona Fátima uma lógica de girais, que serviam para diferentes hábitos e logo, estavam localizados no lugar que possibilitasse essa prática. Como vemos no desenho abaixo, existem 03 girais, o primeiro, mais próximo da casa e mais alto, serve tanto para secar peixes e camarões, como apoia mudas criadas por Dona Fátima; o girau 02 é destinado a lavagem de roupas, tem posicionado ao lado, um reservatório com água e fica ao lado a máquina de lavar; e o terceiro, mais distante da casa tem como única função servir para limpeza de peixes.





SALVADOR E SUAS CORES [2019]  
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

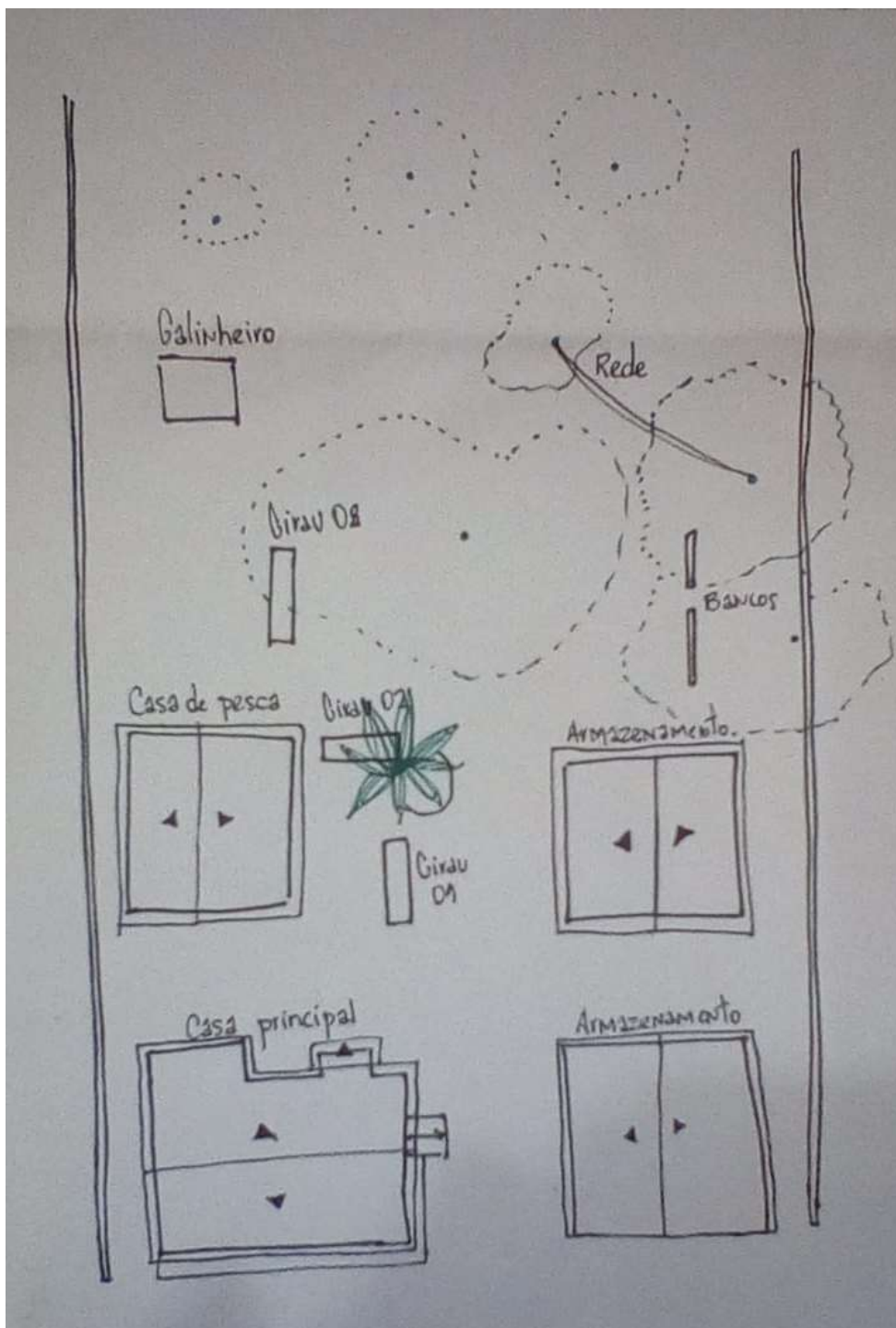


Foto 04 - Desenho autoral da casa de Dona Fátima  
Fonte: Acervo da Autora, 2019.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]  
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL



Foto 04, 05 e 06 - Girau 01, 02 e 03  
Fonte: Acervo da Autora, 2019.

O cuidado com hortas e plantas também é percebido na fala de todos os moradores que conversamos, e alguns hábitos me causaram estranhamento como por exemplo Seu Tenório que em época de eclipse, “bate” nas plantas do seu quintal para acordá-las, quando questionado sobre, ele apenas diz que se não fizer isso, elas morrem e foi dessa forma que seu pé de laranjas morreu. No último eclipse ele acordou todas mas esqueceu desta.

O chuveiro externo para banho também é observado nas casas que pudemos conhecer, incluindo a de Dona Fátima. Seu Tenório explica que a estrutura do banheiro externo sempre existiu, e foi mudando, com o passar do tempo, trocou-se os materiais, antes madeira e palha, hoje alvenaria convencional, utilizada para fazer o “puxadinho” da casa de taipa.



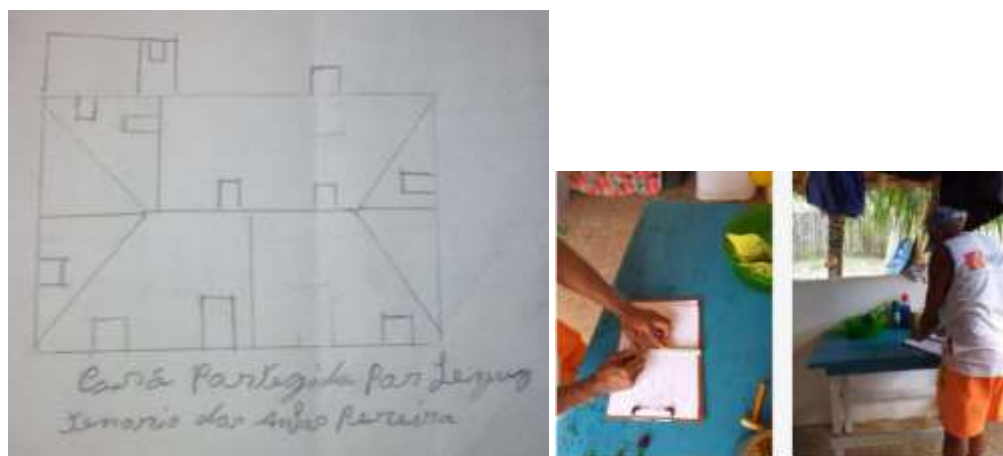
SALVADOR E SUAS CORES [2019]  
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL



**Foto 07:** Banheiro da casa na parte externa  
**Fonte:** Acervo da Autora, 2019.

### ***A casa protegida por Jesus***

Dona Fátima sugeriu que seu Tenório desenhasse e explicasse a casa toda pra mim, contando ela mesma a novidade a ele: “Tenório, as menina querem que tu explique a casa ai pra elas”, introduzi o assunto com seu Tenório elogiando a casa e perguntando se ele próprio havia construído e como havia pensado no desenho, ele respondeu que simplesmente foi saindo da própria cabeça, naturalmente. Logo em seguida pedi a ele se poderia desenhar pra mim, fomos até o quintal da casa, onde havia uma mesa, ele pediu uma régua, negou borracha quando oferecido e começou a desenhar.



**Foto 08, 09 e 10:** Seu Tenório e o desenho da casa  
**Fonte:** Acervo Pessoal da autora (2019)

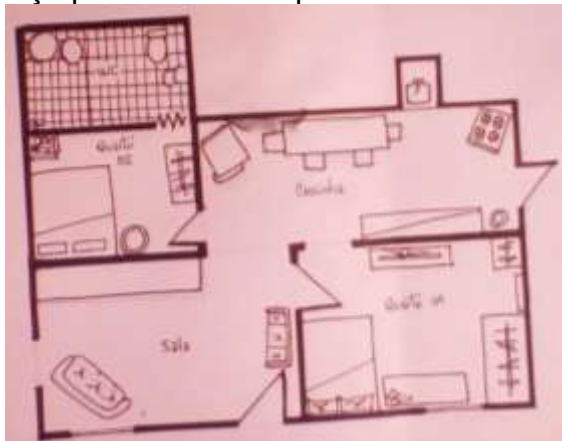
Seu desenho era uma marcação das águas do telhado e das portas, e ia se desenvolvendo a partir do pensamento de por onde havia começado a construção, por onde entrava na casa e como ia parar em cada cômodo; ele foi me explicando os





SALVADOR E SUAS CORES [2019]  
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

ajustes que fez com o passar do tempo, como construiu uma pequena casa ao lado da atual para guardar material da roça e farinha, transformou a despensa em um quarto e construiu um banheiro interno logo em seguida. Seu Tenório não se conteve em me explicar todas as mudanças que fez no terreno e porquê as havia feito, explicou como tinha um banheiro de fossa no quintal e que posteriormente transformou no galinheiro, pois hoje, pela idade dele e de Dona Fátima, não era mais viável ter um banheiro tão longe de casa. Contou também como transformou a antiga casa de estocagem de materiais em um espaço para lavar a roupa e colocar seus materiais de pescaria



**Foto 11:** Croqui da casa da Dona Fátima  
**Fonte:** Acervo pessoal da autora (2019)

Observamos a cozinha como elemento central das relações sociais na casa de Dona Fátima, ela é iluminada, aberta, e com acesso para um corredor lateral à casa que já abre para a rua, possibilitando o livre acesso de quem chega e sai. A entrada principal parecia secundária diante a entrada lateral da cozinha. A maior parte do tempo passado na casa de Dona Fátima, era na cozinha, seja preparando bolos, cafés, almoços, seja comendo e conversando sobre situações rotineiras. Observamos também o hábito de assistir televisão à noite todos os dias, especialmente acompanhar as novelas e o jornal que passam na televisão aberta, além de passarem boa parte do tempo sentados à porta, conversando com vizinhos.





SALVADOR E SUAS CORES [2019]  
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

**Foto 12 e 13:** Hábito de ir para a porta  
**Fonte:** Acervo Pessoal da autora (2019)

## **CONCLUSÕES**

Este estudo procurou caracterizar os modos de vida na casa de Dona Fátima, em Mamuna, Alcântara tomando como principal fonte dos dados, os relatos em campo fornecidos pela interação com os sujeitos pesquisados. Consideramos que a metodologia aplicada foi fundamental para a obtenção dos dados necessários para a caracterização e construção de uma compreensão sobre como os moradores produzem e usam seu espaço. Destacamos instrumentos como a produção do diário de campo, para a adoção de uma postura mais investigativa e menos intervencionista, uma vez que consiste no relato diário de tudo que acontece, é percebido e sentido em campo e o protagonismo dos habitantes na construção de interfaces como desenhos e construção de mapas.

Os modos de vida que observamos, estão vinculados a percepção de valores como a coletividade, afetividade, autonomia e autogestão como valores-base para o desenvolvimento das relações, atividades e modos de morar e fazer e transformar o espaço; as trajetórias sociais e experiências de vida associadas a origem rural no povoado, e práticas cotidianas expressas pelos costumes, cosmovisões voltados para o convívio com a natureza, que satisfazem necessidades fisiológicas, de segurança e estima marcam um modo próprio dos moradores da casa protegida por Jesus de viver e habitar.

## **Referências Bibliográficas**

Almeida, Alfredo Wagner Berno de. Os quilombolas e a base de lançamento de foguetes de Alcântara: laudo antropológico / Alfredo Wagner Berno de Almeida. – Brasília: MMA, 2006.

Almeida, Alfredo Wagner Berno. De Terra de quilombo, terras indígenas, “babaçuais livre”, “castanhais do povo”, faixinais e fundos de pasto: terras tradicionalmente ocupadas. Alfredo Wagner Berno de Almeida. – 2.a ed, Manaus: pgsca–ufam, 2008.

CARVALHO, Roberta; LIMA, Gustavo. COMUNIDADES QUILOMBOLAS, TERRITORIALIDADE E A LEGISLAÇÃO NO BRASIL: uma análise histórica. Revista de



SALVADOR E SUAS CORES [2019]  
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

Ciências Sociais, n. 39, pp. 329-346, Paraíba, Outubro 2013. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/politicaetrabalho/article/view/12745>. Acesso em: 2 abr. 2019.

FIABIANI, Adelmir. OS NOVOS QUILOMBOS: Luta pela terra e reafirmação étnica no Brasil [1988-2008]. 2008. Tese de Doutorado (Doutor em História) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, São Leopoldo/RS, 2008.

FONSECA, Claudia. Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnográfica e educação. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, ANPEd, n. 10, p. 58-78, jan./abr. 1999.

KAPP, Silke. Grupos sócio-espaciais ou a quem serve a assessoria técnica. Rev. Bras. Estud. Urbanos Reg., São Paulo, v. 20, n. 2, p. 221-236, MAIO-AGO 2018.

KAPP, Silke. Levantamento sócio-espacial: um método num vilarejo. Paranoá: Habitar no Campo, nas Águas e nas Florestas, Brasília, ed. 17, 23 fev. 2017. DOI <https://doi.org/10.18830/issn.1679-0944.n17.2016.04>. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/paranoa/article/view/11746>. Acesso em: 2 nov. 2018.

KAPP, Silke. Uma tipologia de espaços cotidianos. Risco: revista de pesquisa em arquitetura e urbanismo, IAU-USP, p. 5-20, 15 jan. 2012. Disponível em: [http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/biblioteca\\_novo\\_2/arquivos/Kapp\\_2012\\_Tipologia\\_es\\_paco\\_cotidiano.pdf](http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/biblioteca_novo_2/arquivos/Kapp_2012_Tipologia_es_paco_cotidiano.pdf). Acesso em: 4 abr. 2019.

NUNES, Patrícia. Canelatiua, Terra dos Pobres, Terra da Pobreza: uma territorialidade ameaçada, entre a recusa de virar Terra da Base e a titulação como Terra de Quilombo. Orientador: Dra. Eliane Cantarino O'Dwyer. 2011. 606 p. Tese de Mestrado (Pós-Graduação em Antropologia) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

SOUZA, Marcelo Lopes de. Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016.

SOUZA, Maressa Fonseca e. MODOS DE VIDA E MODOS DE HABITAR EM MORADIAS AUTOCONSTRUÍDAS: UM ESTUDO NOS BAIROS NOVA VIÇOSA E POSSES, EM VIÇOSA – MG. 2017. Magister Scientiae (Magister Scientiae em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa/MG, 2017. Disponível em: <http://www.locus.ufv.br/handle/123456789/11535>. Acesso em: 14 maio 2019.